

## A ERA DOS EXTREMOS

por Mário Soares

Foi Eric Hobsbawm, o grande historiador do século XX, que chamou ao último século, tendo em vista os horrores de que foi vítima (duas grandes guerras, particularmente mortíferas e devastadoras, sobretudo a segunda, revoluções cruentas, o advento dos totalitarismos de sinal contrário, o holocausto, genocídios, campos de exterminação, goulags, etc.) a "era dos extremos". Com a criação das Nações Unidas, por vontade de Franklin Roosevelt, para promover o bom entendimento entre os Povos e a paz, que sucederam à infeliz primeira tentativa, da Sociedade das Nações (também devida a um outro Presidente idealista americano, Woodrow Wilson, do partido democrata); com a teoria dos Direitos Humanos, nascida da Declaração Universal dos Direitos do Homem em 10 de Novembro de 1948; com a reconstrução da Europa (Plano Marshall) e a criação de um projecto original de paz e desenvolvimento para a Europa, a CEE e, depois a União Europeia; e, finalmente, depois de anos de "guerra fria", com a queda do muro de Berlim, a destruição da cortina de ferro, a implosão pacífica do comunismo e do império soviético; - pensavam os democratas e idealistas que uma era de paz e de bem estar, para todos, e de tolerância, se abria para o Mundo, na convivência entre civilizações e religiões diferentes - na igualdade de raças e das pessoas humanas - na vida em liberdade e dignidade, para todos. Contudo, não aconteceu assim. Infeliz e preocupantemente.

A miséria e a intolerância estão a separar de novo os Povos e as pessoas. Os fanatismos, de sinal contrário, a miséria crescente da maioria em contraste chocante com a riqueza concentrada de poucos, cada vez menos, nesta globalização desregulada e sem ética que nos oprime, a cultura da violência que as televisões e o cinema, todos os dias veiculam - como a propaganda do sexo banalizado e quase mecânico, um sub produto da civilização do dinheiro - novas formas de discriminação contra as mulheres, o crime organizado, os tráficos de drogas, de armas e de sexo, à escala internacional, tudo isso, gera nos Povos um clima de insegurança, de egoísmo e de "salve-se quem puder", de "cada um por si e contra todos" que prenuncia o fim de um ciclo, uma revolta generalizada ou um regresso (antes impensável) a novas formas de totalitarismo e violência.

Não quero ser como Cassandra, uma espécie de profeta da desgraça, que anuncia grandes sobressaltos. Nada mais afastado da minha maneira de ser e de estar no mundo. Mas as coisas são o que são. Não devemos meter a cabeça na areia, como as avestruzes... "Temos os olhos abertos para ver, ouvidos para escutar, cabeça para pensar, não podemos ignorar" como nos ensinou a extraordinária poetisa e Mulher, Sophia Mello Breyner.

Portugal é conhecido pela brandura dos seus costumes. Um Povo dito resignado, amável, convivente, tolerante. Mas não nos deixemos enganar. Com rasgos de violência e de incontida indignação, quando as coisas passam os limites. Lembremo-nos, para não irmos mais longe, da guerra civil, cruenta, que vivemos na terceira década do século XIX - de que me falava Norton de Mattos, com os olhos muito abertos, em 1949 e me dizia, a propósito da intolerância de Salazar: "olhe que eu ainda me lembro de ver muitos palácios do Minho destruídos, em ruínas, na minha juventude. Pertenciam a famílias "miguelistas" que espalharam o terror na guerra civil e depois foram vítimas da violência que eles próprios desencandearam". Lembremo-nos dos assassinatos de D. Carlos - no momento da ditadura de João Franco - e do ditador Sidónio Pais, em 1919, e da "leva da morte" em que foram assassinados o Presidente do ministério, António Granjo e o Visconde da Ribeira Brava, entre outros; e, muito mais tarde, do assassinato político do "general sem medo", Humberto Delgado, de autoria moral de Salazar, bem como dos assassinatos "por morte lenta", no campo de concentração do Tarrafal, de triste memória para portugueses e africanos.

Quando se deu a "Revolução dos Cravos" - que foi "uma revolução limpa e justa", sem efusão de sangue e quase sem violência - temia que certos fantasmas do passado ressuscitassem, reclamando vingança e novos surtos de violência. "Vae Victis" - ai dos vencidos - é um grito que vem de Roma e tem reaparecido muitas vezes ao longo da história. Mas não, felizmente. Honro-me de ter contribuído, modestamente, para isso. "Comigo não haverá saneamentos nem retaliação" - disse-o no próprio dia em que entrei no Ministério dos Negócios Estrangeiros e assumi a respectiva

pasta de ministro no I Governo Provisório. Não houve. Embora a política a seguir tivesse mudado cento e oitenta graus.

Como não houve - como antes se temia - nos anos da transição democrática em Espanha, exemplarmente pacífica. Os espanhóis, felizmente, não tinham esquecido a terrível violência da guerra civil, os horrores de ambos os lados. Tiveram a lucidez e o bom senso de não reincidir. E foram ajudados também, um pouco, pelo exemplo português...

Vem tudo isto a propósito do surto de violência e de intolerância que parece estar a crescer em Portugal. As últimas semanas revelaram dois sintomas realmente preocupantes: o "arrastão" de Carcavelos e a manifestação xenófoba que a extrema direita realizou, sem vergonha, em Lisboa, contra os imigrantes, indo ao ponto de usar slogans indecorosos e a saudação fascista. Como se nada conhecessem da história! São sintomas de sinal contrário, mas que nos obrigam a reflectir por igual. E a tomar medidas, antes que os fenómenos se desenvolvam incontrolavelmente.

O "arrastão" tem o ar de ser em parte de importação brasileira, sugerido pelas revoltas das favelas, tão publicitadas pelas nossas televisões. Imigrantes, muito jovens, vivendo em ghetos, em condições desumanas, deixam-se contaminar pela revolta suscitada nas periferias urbanas. É um sintoma de um mal que só se combate com mais justiça social, lutando contra a discriminação e as gritantes desigualdades. Bem fez, nesse sentido, o Presidente da República, por visitar simbolicamente, o bairro "problemático" - como se lhe chamou - da Cova da Moura. Foi um sinal importante, mas não chega.

Também as tendências xenófobas devem ser combatidas. Obviamente. Mas o melhor combate é veiculado por uma educação a sério em favor dos direitos humanos, do bom entendimento entre as pessoas, do diálogo e da cultura de tolerância e de defesa da diversidade. Não pela violência, mesmo que seja de sinal contrário.

Nesse aspecto, os media têm um importantíssimo papel a desempenhar. Crucial. Não devem continuar a transmitir, impunemente, uma cultura da violência, que passa em contínuo nas televisões e nos cinemas, rebaixando o sexo a uma mercadoria, ao dispor de quem tem mais dinheiro.

Sei que é uma tarefa extremamente difícil. Mas há que ter a coragem de remar a sério contra a maré. Por todos os meios ao nosso alcance. Se, em tempo, quisermos evitar, viver de novo - talvez ainda pior - uma nova "era dos extremos"...

Lisboa, 21 de Junho de 2005